

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O OLHARES DO MEDITERRÂNEO – WOMEN’S FILM
FESTIVAL
5 de novembro de 2024

THE SILENT PROTEST: 1929 JERUSALEM / 2019

de Mahasen Nasser-Eldin

Realização e Produção: Mahasen Nasser-Eldin / *Argumento:* Mahasen Nasser-Eldin, Fida Nasser-Eddin / *Direção de Fotografia:* Ashraf Dowani / *Montagem:* Rabab Haj Yahya / *Som:* Montaser Abu Al-Alui / *Produção Executiva:* Anandi Ramamurthy, Hanna Atallah / *Música:* Habib Shehadeh / *Narração:* Fida Zidan / *Cópia:* DCP, cor, falado em árabe com legendas em inglês e legendagem eletrônica em português / *Duração:* 20 minutos / *Estreia Mundial:* informação não encontrada, mas destaca-se a sua passagem pelo London Palestine Film Festival em 2021 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.*

KINGS AND EXTRAS / 2004

de Azza El-Hassan

Realização e Argumento: Azza El-Hassan / *Produção:* MA.JA.DE, em coprodução com Yamama, BBC e WDR, em associação com Arte, YLE TV 2 e 03 Productions/MBC / *Cópia:* Digital, cor, falado em árabe com legendas em inglês e legendagem eletrônica em português / *Duração:* 62 minutos / *Estreia Mundial:* Seoul Independent Film Festival, 2004 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.*

Duração total da projeção: 82 minutos.

Os dois filmes desta sessão incorporam a ideia de procura no seu próprio processo narrativo e formal, mas o elo mais forte aqui diz respeito ao papel das mulheres palestianas no curso dos acontecimentos dramáticos relativos a esse conflito sem fim com o vizinho israelita. Mahasen Nasser-Eldin “desarquiva” a história de um conjunto de corajosas mulheres árabes que se organizaram para contestar o papel britânico na chamada revolta do Buraq, ao passo que Azza El-Hassan parte em busca de um arquivo de filmes desaparecidos, realizados por *cameramen* palestinos ao serviço da Organização para a Libertação da Palestina (OLP). Em ambas as realizadoras sente-se uma mesma necessidade de ir até aonde os outros – sobretudo homens (veja-se a história do “pessimista” no filme de Azza) – ainda não conseguiram ou não quiseram/pretendem ir. Estas são investigações, em si mesmas, e independentemente dos seus resultados práticos, verdadeiramente emancipatórias. E representantes de um cinema de resistência que respira – ou faz-nos respirar – a liberdade inerente a qualquer processo investigativo ou de recolha de informação, numa região assolada pela desconfiança e pela violência vivida por um povo sujeito a uma agressão permanente. O comentário do “doido” no final do filme de Azza dá conta disso: os palestinos são reis da dor (“kings of pain”). Mas já ao início uma criança encontrada na rua e um “extra” de um filme iraniano sobre a interminável guerra israelo-palestinaiana davam conta da discrepância, ficcionada mas bem real, entre os dois lados da barricada: tiros contra pedras.

Mas comecemos pelo início, mais concretamente pela raiz da história do movimento de mulheres organizado por palestinianas em Jerusalém, no distante ano de 1929. O objetivo inicial era o de se organizar um protesto que visasse a administração inglesa, alegadamente favorável ao lado judeu do conflito. O boicote institucional aos intentos destas mulheres não as demoveu, tendo elas acabado por decidir realizar a mesma manifestação não a pé mas numa longa fila composta por 80 carros. **The Silent Protest: 1929 Jerusalem** revisita as casas e ruas onde o movimento ganhou forma e expressão, ouvindo-se em *over* relatos na primeira pessoa sobre todas as diligências levadas a cabo pelas mulheres para que o dito protesto silencioso tivesse provimento. É evidente o que se procura promover neste filme, por a dado momento a realizadora “reencenar” a reunião de mulheres na Jerusalém dos nossos dias: um desenvolvimento, aqui e agora, daquilo que foi iniciado por esse grupo de corajosas mulheres lá bem trás na História. Ao mesmo tempo, o filme consubstancia uma investigação algo exaustiva baseada em recortes de jornal, diários e fotografias antigas, não sendo despciendo o *background* da realizadora: formação académica na área dos Estudos Árabes, com um título de mestre atribuído pela Universidade de Georgetown em Washington, D.C. e em Realização Cinematográfica pela Faculdade Goldsmith, em Londres, e ainda docente na área do cinema, em Belém.

Por seu lado, a realizadora e autora do projeto multimédia e arquivístico The Void Project Azza El-Hassan aparece no seu filme, **Kings and Extras**, para dar rosto e corpo a uma *enquête* muito especial: localizar o paradeiro do arquivo de imagens em movimento produzidas durante mais de dez anos sobre a luta do povo palestiniano. Este arquivo terá desaparecido por altura da segunda invasão do Líbano por Israel, em 1982. Como é explicado a dado momento neste filme rico em testemunhos, as pessoas estariam demasiado preocupadas em sobreviver aos bombardeamentos para garantirem a integridade do arquivo, tendo o acervo ficado em segundo ou terceiro plano na sua ordem de prioridades. Desde esse já muito distante ano que o paradeiro do arquivo audiovisual da OLP tem motivado inúmeras investigações pouco ou nada esclarecedoras. Deste modo, a realizadora põe em marcha um filme-investigação com laivos da “escrita documental” de Agnès Varda e que acaba por ser mais sobre o mundo árabe, sob a permanente ameaça israelita, do que “somente” sobre esse mistério por desvendar.

O valor desta procura radica nas pessoas com quem a realizadora interage, algumas que lhe são muito próximas (como uma amiga cujo pai foi um operador de câmara da OLP) ou desconhecidos interpelados na rua (histórias de violência colhidas ao acaso, como a de uma transeunte que confia ter-se tornado uma refugiada após o assassinio do marido). A narrativa apresenta um aspeto “thrillesco”, *à la* Sherlock Holmes, que a torna especialmente cativante, mesmo quando fica claro – confirmando a previsão do dito “pessimista” – que Azza não irá conseguir localizar o tão procurado arquivo. No entanto, e pelo caminho, vai colhendo pequenas grandes peças sobre o passado e o presente nomeadamente dos povos libanês, sírio e palestiniano. Eis um filme-para-salvar-outros-filmes sobre a (im)potência do cinema face aos acontecimentos da História. E ao avançar silenciador de um inimigo comum.

Luís Mendonça